

## O BALANÇO DE UMA DÉCADA

Por Mário Soares

No início da segunda década do séc. XXI, alguma imprensa internacional empenhou-se em fazer um balanço, mais ou menos objectivo, da década que inaugurou o nosso actual século e o novo milénio. É, sob muitos aspectos, um balanço decepcionante.

No final do século passado, Kofi Annan, o anterior Secretário-Geral da ONU, que deixou saudades, pela dignidade, prudência e idealismo com que exerceu as suas altas funções, lançou a ideia estimulante de definir o que chamou os "Objectivos do Milénio". Um conjunto de ideias e iniciativas que foram debatidas e subscritas, na Assembleia Geral da ONU, por praticamente todos os Chefes de Estado e de Governo dos países membros. E, no entanto, nada se passou.

Porquê? Vivia-se um momento de optimismo, como os leitores se devem lembrar. Dez anos antes, com a queda do muro de Berlim e a implosão do universo comunista, parecia que uma super-potência "liberal", sem paralelo, económica, tecnológica e militar, iria governar o mundo, para bem da Humanidade no seu conjunto. Daí que a ONU tivesse designado como objectivos: a erradicação da pobreza a nível mundial (que Jeffrey Sachs defendeu ser possível); a luta contra as grandes epidemias, como a SIDA; a defesa do Planeta ameaçado – nossa "Casa Comum", como lhe chamou Gorbachev – que está a ser poluído e devastado pela ganância e a incoerência dos poderosos; a divulgação por todos os Continentes de uma "cultura da paz", ideia lançada por Federico Mayor Zaragoza, quando director-geral da UNESCO; a universalidade (contestada) da democracia dita "liberal" e dos Direitos Humanos; a luta contra a criminalidade internacional organizada; o combate em favor do desarmamento e contra a proliferação das armas nucleares; etc., etc....

Em suma, objectivos que tinham como finalidade, construir uma nova ordem mundial, política e económica, mais racional, humanista e justa. Contudo, poucos meses passaram e todos esses objectivos tinham sido ultrapassados e esquecidos pelos governantes...

O evento mais relevante, pelo menos em termos da cultura ocidental – e que marcou a década – foi o terrível atentado às Twin Towers de New York e ao Pentágono, de Washington, ocorrido em 11 de Setembro de 2001. A hiper-potência surgiu, aos olhos do Mundo, extremamente vulnerável e revelou-se, em toda a sua extensão e eficácia, o fenómeno do terrorismo islâmico global. Este, protagonizado pela organização Al-Qaeda e o seu enigmático e mítico líder, Osama Bin Laden, de que até hoje pouco ou nada se sabe...

A reacção psicológica que abalou o Mundo foi, no início, favorável à América. Mas o Presidente George Bush não compreendeu isso. Declarou "guerra" – um erro fatal – a algo que não conhecia bem, o terrorismo islâmico, deixando-se envolver, primeiro, na "guerra do Afeganistão" – que teve o aval das Nações Unidas e a participação da NATO – e depois, unilateralmente, atacou o Iraque. Dois tristes acontecimentos, profundamente negativos, que envolveram o Islão no seu conjunto e, com alguma probabilidade, talvez venham a marcar o início da decadência do Ocidente...

Outro fenómeno que abalou o Mundo, no começo do séc. XXI, este de sinal positivo, foi o aparecimento da cidadania global. Primeiro, em Seattle e, depois, nos Fora Sociais de Porto Alegre (Brasil), em contraponto com as Cimeiras Plutocráticas de Davos... Um fenómeno que resultou da revolução tecnológica e mediática – uma vez que tudo quanto ocorre no Planeta, pode ser conhecido, ao mesmo tempo, no mundo inteiro – o que implica a maturação de uma consciência colectiva dos Povos do Mundo, que Marx não previu, como tal, mas que irá influenciar, cada vez mais, mesmo que o não desejem, os Governos e os Governantes... Apesar da globalização ser desregulada e ser depredadora para os pobres, ao contrário do que nos prometiam.

Progressivamente, a aliança entre os Estados Unidos e a União Europeia deteriorou-se, a propósito da guerra contra o Iraque e do unilateralismo da política americana. O esmagador poderio do Ocidente foi posto em causa: política, ideológica, económica e culturalmente. Surgem, então, os países emergentes, assim chamados para salientar a sua nova importância: China, Rússia, Brasil e Índia e alguns outros menos poderosos, como: a África do Sul, pós-apartheid, a Indonésia, o México.

A União Europeia criou a moeda única, o Euro, em 2002. Em Abril de 2003 os Estados Unidos atacaram o Iraque, depois da Cimeira da Vergonha, nos Açores. Por toda a parte, na Europa e nas

Américas, as populações protestaram manifestando-se nas ruas. A ONU foi marginalizada e a Europa mostrou-se dividida, ao nível do próprio Conselho de Segurança: Villepin contra Blair...

Apesar do descrédito sofrido, George W. Bush foi reeleito Presidente, em Novembro de 2004. Entretanto, num Mundo cada vez mais globalizado: o terrorismo islâmico foi fazendo o seu caminho. As outras ameaças que afligem a consciência mundial são, respectivamente: o aquecimento climático – e as outras ameaças ecológicas que pesam sobre o Planeta – a proliferação das armas nucleares, as pandemias, como a SIDA, a pobreza crescente e a grande criminalidade internacional organizada.

Em 2005 entra em vigor o Protocolo de Quioto e a França diz não, ao referendo sobre a Constituição Europeia. A União entra, assim, num impasse de que só agora talvez possa sair. As preocupações – e ameaças – ecológicas não param de crescer, o furacão Katrina e os tsunamis, bem como os terremotos, pelas suas consequências, têm vindo a alarmar a consciência mundial. No entanto, os Governos não actuam. Os egoísmos nacionais sobrepõem-se a tudo... Al Gore, antigo candidato a Presidente dos Estados Unidos, escreve o seu célebre livro "Uma verdade inconveniente", em 2006 (publicado, na tradução portuguesa, em 2007) e, desde então, não deixou de escrever e de alertar o Mundo para o perigo ecológico e a urgência de o combater. Por toda a parte criam-se associações ambientalistas. No entanto, na recente Conferência de Copenhaga, não foi ainda possível avançar como se impunha, dado o bloqueio dos Estados Unidos e da China, que em crónicas anteriores aqui referi e critiquei...

Em Setembro de 2008, os banqueiros da Lehman Brothers abrem falência e o Mundo, subitamente, alarmou-se. Era a crise global a bater-nos à porta, pior talvez do que a de 1929, embora diferente. Mas mais de uma década antes de 2008 George Soros, o financeiro filantropo, advertiu-nos no seu livro "Alquimia das Finanças", de 1994 e noutros que se lhe seguiram, para a crise que, necessariamente, aí vinha. Não só ele, de resto. Grandes economistas, como Joseph Stiglitz, Krugman e outros, prémios Nobel ou não, o fizeram. E, no entanto, parece não terem conseguido ser ouvidos... O maior cego é o que não quer ver.

Os governos, especialmente na Europa, não quiseram ver a crise, em todas as suas consequências e, quando se decidiram a actuar, fizeram-no por forma dispersa e lentamente. Daí a crise em que estamos, que está longe – diga-se – de ter passado.

Os Estados Unidos há um ano elegeram Barack Obama, um humanista, afro-americano (quem tal diria?) com uma enorme formação jurídica e política. A sua eleição abalou de novo o Mundo e trouxe-lhe, inegavelmente, uma nova esperança. Mas caiu-lhe o peso do Mundo em cima. É preciso que os cidadãos conscientes o ajudem e não se impacientem, com os atrasos ou alguns passos em falso que tenha dado...

A crise implica – para se sair dela – que se mude de paradigma de desenvolvimento, que se punam os especuladores, que se lute a sério contra o desemprego, o flagelo maior do nosso tempo, contra a pobreza e as desigualdades. Muitos não pensam assim. Querem mudar o menos possível, para que tudo fique na mesma. Não é possível! Temos que despertar para essa impossibilidade!

E Portugal? Depois do inegável esforço, feito pelo Governo Sócrates, para reduzir o deficit e pôr as contas em ordem, veio o tsunami da crise global, que nos atingiu a todos. Agora temos de controlar de novo o deficit (e o endividamento das famílias) e fazer uma política social e ambiental, as únicas capazes de nos tirar da crise. É uma contradição, mas não é impossível consegui-lo.

Contudo, o impasse político em que os Partidos se encontram, sem estratégias claras, depois de três eleições em que as naturais divergências vieram ao de cima, criando uma crispação inconveniente, e tendo em vista, ambições eleitorais prematuras, que só servem para distrair do essencial, tudo parece difícil de concertar. Veremos se o Orçamento será aprovado, como espero, dado que a prolongar-se o impasse, todos os Partidos perdem, e muito. O Povo está farto das guerrilhas políticas e reclama soluções. Venham elas! Quanto aos diagnósticos derrotistas e às críticas inconsequentes e sem soluções à vista, já temos todos a nossa conta...

Num tal momento é de aconselhar prudência aos políticos, porque a haver responsabilidades, serão eles que mais sofrerão...

2010, um ano de efemérides em Portugal. O Centenário da República será, seguramente, a mais importante. O primeiro evento será em 31 de Janeiro próximo. Será festejado com uma parada militar e uma exposição da resistência à Ditadura, na antiga Cadeia da Relação do Porto.

Mas há outras efemérides, de outra ordem. A Intersindical (CGTP/IN), por exemplo, comemora em 1 de Outubro de 2010 os seus quarenta anos de existência, nem sempre

acertados, quanto aos objectivos, mas sempre corajosos, combativos e em defesa da dignidade do trabalho e dos interesses dos seus associados. Uma data que, por isso, deve ser assinalada, condignamente.

Também comemora 150 anos, o grande escritor republicano e antigo Presidente da República e embaixador de Portugal em Londres, Manuel Teixeira Gomes. Uma personalidade marcante do século XX, que morreu em Bougie (Argélia), durante a segunda guerra mundial, onde voluntariamente se exilou, em protesto contra a Ditadura. Há um livro notável do falecido jornalista Norberto Lopes, intitulado "O exilado de Bougie", que traça a biografia de Manuel Teixeira Gomes. Trata-se de um livro apaixonante, que se lê de um fôlego e que aconselho vivamente aos meus leitores, pela sua actualidade.

Numa cerimónia recente, em Portimão, foi referida a efeméride e a obra extraordinária de prosador de Teixeira Gomes. Alguém disse que ele era também poeta. Mas não, que se saiba nunca escreveu versos. Como a referência ao "poeta" foi repetida nos jornais e em algumas televisões, permito-me rectificá-la.

Lisboa, 19 de Janeiro de 2010